

## A JORNADA DO “HERÓI” EM *O HOBBIT*: BILBO BOLSEIRO E O MONOMITO

Davi Silva Gonçalves<sup>1</sup>

Ana Carolina Batista<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho aqui apresentado analisa o livro *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, baseando-se na concepção da jornada do herói, sendo o personagem principal do livro, Bilbo Bolseiro, discutido sob essa perspectiva. Utilizando dois autores principais como arcabouço teórico para a análise, Joseph Campbell (1997) e Margery Hourihan (1997), verificamos se e de que modo Bilbo Bolseiro, um personagem que não apresenta características extraordinárias, pode ser considerado o herói da referida narrativa.

**Palavras-chave:** Análise literária; Jornada do herói; *O Hobbit*.

**Abstract:** *This work analyzes the book The Hobbit, written by J. R. R. Tolkien, based on the concept of the hero's journey, with the main character, Bilbo Baggins, being taken into account from that perspective. Relying on two main authors as the theoretical framework for the analysis, Joseph Campbell (1997) and Margery Hourihan (1997), we verify if and how Bilbo Baggins, a character who does not show any extraordinary characteristics, could be considered the hero of the aforementioned novel.*

**Keywords:** *Literary analysis; The hero's journey; The Hobbit.*

### Introdução

Neste trabalho é analisada a evolução do personagem Bilbo Bolseiro, que pertence ao livro *O Hobbit* (escrito originalmente em 1937, mas cuja edição aqui utilizada data de 2012), de J. R. R. Tolkien, para investigar se e de que modo, no desenrolar da história, ele se constrói como o herói. Sobre o autor do livro, seu nome completo é John Ronald Reuel Tolkien, ou, como é mais conhecido, J. R. R. Tolkien. Estudioso da língua inglesa, com especialização em Inglês Antigo e Médio, foi por duas vezes professor de Anglo-saxão na Oxford University,

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela UFSC, professor adjunto na UNICENTRO, Campus de Irati. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4264535213871108>>. E-mail: <davisg@unicentro.br>.

<sup>2</sup> Graduada em Letras Inglês pela UNICENTRO. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9995558396639769>>. E-mail: <anacarolinabatista11@gmail.com>.

agraciado com os títulos de Comendador do Império Britânico e Doutor honoris causa em Letras, também pela Oxford University. É o autor da trilogia *Lord of The Rings* (2005), assim como de outras histórias que se passam em um universo paralelo ao nosso mundo, chamado Terra-média, que é habitada por elfos, anões, trolls, orcs, goblins e, é claro, os hobbits.

O livro *O Hobbit* foi primeiramente escrito para o filho de Tolkien, e posteriormente publicado, em 1937. Muitos (CROFT, 2004; KLAUTAU, 2010; SANTOS, 2014; GRANJA, 2011) alegam que as histórias de Tolkien têm certa influência do tempo em que ele serviu o Exército Britânico durante a Primeira Guerra Mundial, mas esta comparação é mais comumente feita com a trilogia de *Senhor dos Anéis* (1954). Quanto ao enredo, nosso foco é o personagem principal do livro *O Hobbit*: Bilbo Bolseiro. Ele nos é apresentado como um hobbit comum: “Assim como os outros hobbits Bilbo pressupõe que a natureza dele é simplesmente viver em sua toca hobbit, que “quer dizer conforto” (BRANNIGAN, 2012, p. 29); e, como também é comum nos mundos de fantasia, ele participa de uma busca.

Acontece então seu encontro com um velho conhecido, Gandalf, que apresenta Bilbo a um grupo de anões – liderados por Thorin Escudo de Carvalho –, os quais estão a caminho de uma aventura para recuperar sua casa e seus tesouros que foram roubados por um dragão chamado Smaug. Nesta companhia de anões estão presentes os fiéis companheiros de Thorin, seu conselheiro e seus sobrinhos, além de Gandalf, o mago que os acompanha para a realização da primeira tarefa: achar o décimo quarto integrante, já que treze é o número do azar. A pessoa que ele escolhe é encarregada de cumprir a função de ladrão na companhia: o hobbit Bilbo Bolseiro. Bilbo sente-se relutante no início, desconfortável devido à função que desempenharia na companhia, mas, por fim, aceita participar da busca. A história segue a jornada dessa companhia até a Montanha Solitária, passando por muitos perigos.

As situações escalam para o personagem e a companhia, fazendo com que Bilbo tenha de tomar a iniciativa. Mais de uma vez ele salva seus amigos, provando, assim, o seu valor. Antes da partida para a aventura, os anões e o próprio Bilbo possuíam dúvidas se ele deveria mesmo os acompanhar – insegurança que, gradativamente, é resolvida, considerando seu desempenho. Passada essa aventura, Bilbo volta para o conforto de sua casa e continua sua vida tranquilamente como antes da aventura, mesmo que não fosse mais visto com os mesmos olhos pelos outros hobbits. Assim, a partir dessa breve apresentação do desenvolvimento básico

da história, este trabalho descreve, mais especificamente, as evoluções do personagem no livro, com enfoque nas características que surgem e permanecem com ele posteriormente. Depois de feita uma análise do personagem (isto é, se houve evolução dele no decorrer do livro, e como se dá sua jornada), resta a pergunta: será que Bilbo Bolseiro, um personagem com um perfil tão comum, desenvolve e apresenta as características de um herói?

Para essa pesquisa, partimos da hipótese de que, apesar de analisá-lo sob o prisma do herói, este não se apresenta em Bilbo como simplesmente um herói clássico por excelência. Como esta pesquisa procura características de herói em Bilbo, isso pode significar que ele talvez não as desenvolva na narrativa, até porque, em linhas gerais, entendemos por herói aquele personagem que costuma já aparecer na história com certa fama, grandeza e habilidades, qualidades que Bilbo não parece manifestar. Bilbo, ao contrário, demonstra ter outros aspectos que podem não permitir que ele seja um herói por completo, pois um herói apresenta características superiores (coragem, força de vontade e física, eloquência, moral etc.). Esses aspectos são, do modo que vemos, representados com primazia nas obras de Tolkien referentes ao anel, mas por outros personagens, humanos – como Aragorn e Faramir –, nunca por hobbits. Desse modo, arriscamos dizer (como outra de nossas hipóteses) que Bilbo se aproxima também da ideia do anti-herói. Ele é normalmente apresentado como um personagem desprovido das características de um herói, e muitas vezes essas características surgem de maneira contrária – como não confiável e covarde. O anti-herói também demonstra imperfeições, defeitos, conflito interior; pode se mostrar rebelde e egoísta, frequentemente auxiliando outros personagens apenas para obter algum benefício.

Em nosso objeto de análise, muitos leitores tendem a se interessar pela história dos anões e a não dar muita atenção à jornada particular de Bilbo. Em nossa releitura, porém, sua evolução inesperada é salientada, já que, pelo menos até o desfecho, arriscamos dizer que ele não apresenta características arquetípicas de um herói propriamente dito. Nosso objetivo geral é analisar se, no livro *O Hobbit* (TOLKIEN, 2012), Bilbo Bolseiro, seu personagem principal, pode vir a apresentar características de herói antes, durante e depois da aventura. Caso essas características aparecerem, é a sua evolução que nos interessa. Nesse sentido, investigamos, mesmo depois de sua volta para a casa no Condado, se as características ainda estão presentes na representação de Bilbo. Os objetivos específicos envolvem interpretar como se dá a incursão

do personagem principal na jornada, bem como identificar se, como e onde as características de herói aparecem na sua representação.

## Discussão

Para analisar se e de que modo Bilbo Bolseiro desenvolve características de herói, contamos com a teoria de Joseph Campbell (1997) acerca da jornada do herói. Quanto à definição do herói, temos os argumentos de Margery Hourihan. Segundo Joseph Campbell, em seu livro *O Herói das Mil Faces* (1997, p. 17-18), as histórias de heróis seguem um padrão, e isso pode ser notado em lendas, histórias e mitos antigos, como Beowulf. Essas histórias, lendas e mitos seguem o que o autor chama de monomito, no qual uma certa estrutura narrativa é seguida. Beowulf é um poema considerado o texto mais antigo escrito em língua inglesa – isto é, na língua que hoje é conhecida como Anglo-Saxão ou Inglês Antigo - datado provavelmente dentre os séculos 7 e 10 do primeiro milênio. O poema é uma narrativa heroica com mais de três mil linhas sobre um príncipe da Escandinávia, chamado Beowulf, e, embora tenha sido escrito na Inglaterra, descreve fatos que ocorreram supostamente na Escandinávia.

Campbell (1997) ainda divide a jornada do herói em três etapas: A Partida, A Iniciação e O Retorno. Cada uma dessas três etapas se subdivide em cinco (a primeira etapa) e seis subetapas (as outras duas etapas). A ideia principal que Campbell (1997) parece querer transmitir é a de que toda a jornada de um herói vai seguir um padrão universal, não importando a cultura de origem da narrativa. Mais especificamente:

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito. [...] A aventura do herói costuma seguir o padrão da unidade nuclear descrita: um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida. Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes (CAMPBELL, 1997, p. 17-20).

Em *O Hobbit* (2012), temos estes rituais de passagem citados. A separação ocorre

quando o personagem decide deixar sua casa e vida simples sem algo de inesperado para participar da aventura. Já a iniciação se dá no período em que passa com seus companheiros de viagem e nos perigos das aventuras vividas em terras desconhecidas, com certas criaturas e lugares mágicos que as habitam. Por último temos o retorno de Bilbo para casa, trazendo consigo histórias de suas aventuras que encorajam outros a partir em aventuras. Para a definição de herói, Margery Hourihan (1997, p. 02) afirma que a sua história, a sua busca e a sua aventura são essencialmente as mesmas. O personagem descrito como o herói é aquele que confronta inimigos e os derrota, sendo alguém capaz de tomar atitudes ativas e objetivas. Além disso, o herói é alguém que, geralmente, consegue manejar bem armas e lutar. Esse personagem posteriormente é celebrado pelo triunfo em derrotar, digamos, um dragão (como Beowulf), ou qualquer outra ameaça que se fizesse presente na narrativa. Isso ele faz, muitas vezes, com a ajuda de seres sábios e bondosos, já que atua para um fim nobre e altruísta – logo endossado e sustentado por forças da natureza e/ou desígnios divinos.

Por fim, o herói ainda pode receber tesouros por seus feitos corajosos. Hourihan (1997, p. 03) discute que o herói é constantemente confrontado por inimigos que deve superar, pois ele é, sobretudo, um homem de ação. Neste nível, os monstros que o herói enfrenta podem representar seus medos e dúvidas a respeito de si, sentimentos estes que devem ser superados. Em alguns casos, a cerimônia de iniciação que deve ser suportada simboliza um momento crucial, o qual marca o antes e o depois de um menino a tornar-se homem. Para Margery Hourihan (1997, p. 09-10), como já foi indicado, as narrativas de um herói vão seguir sempre um padrão unívoco, com elementos universais que se repetem, independentemente da época em que o texto heroico seja escrito:

[...] A história do herói toma a forma de uma aventura e vai seguir um padrão:  
- O herói é branco, britânico, americano ou europeu, e normalmente jovem. Ele pode estar acompanhado por um acompanhante ou ele vai ser o líder de algum grupo; - Ele deixa seu lar civilizado para se aventurar em regiões selvagens e perseguir seu objetivo; - As regiões selvagens podem ser uma floresta, uma terra da fantasia, outro planeta. Onde falta a ordem e a segurança do lar. E coisas mágicas e perigosas acontecem.

No início de *O Hobbit* (TOLKIEN, 2012), Bilbo é um hobbit respeitável, pois ele e sua família paterna, os “Bolsiros”, nunca participaram de qualquer ação irresponsável. Ele

vive uma vida tranquila e confortável, características que são comuns do lado da família Bolseiro. Isso porque o pai de Bilbo Bolseiro, Bungo Bolseiro, veio de uma família acomodada, que não gosta de aventuras, muito similar a qualquer outro hobbit no Condado. A mãe de Bilbo, Belladonna Túk, veio de uma família completamente diferente em comparação com os Bolseiros. O narrador onisciente, isto é, aquele que conhece toda a história, descreve a família Túk como “não inteiramente hobbit”, se comparada com a família dos outros hobbits que vivem no Condado; do mesmo modo, seus membros “não eram tão respeitáveis como os Bolseiros, embora fossem indubitavelmente mais ricos” (TOLKIEN, 2012, p. 03).

Segundo Campbell (1997), o herói é uma pessoa bem respeitada onde vive, ainda que, inicialmente, em muitos casos, os outros personagens insistam em não esperar muito dele. “O herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Frequentemente honrado pela sociedade de que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém” (CAMPBELL, 1997, p. 21), apesar de, no caso de Bilbo, nosso herói começar na narrativa sem demonstrar qualquer dom particularmente excepcional. É nesse primeiro estágio que o chamado para uma aventura acontece. O personagem vai seguir um padrão na narrativa, sendo apresentado em um ambiente que lhe é familiar até então. O chamado é feito por uma figura que traz a mensagem: “Pode ser igualmente uma figura misteriosa coberta por um véu – o desconhecido” (CAMPBELL, 1997, p. 34).

No caso de Bilbo, do Condado, o arauto do chamado para a aventura é apresentado na forma de Gandalf, que aparece em uma manhã enquanto Bilbo fumava seu cachimbo. Gandalf, ao chegar, já informa a razão de sua visita. Ele está à procura de alguém que queira participar de uma aventura e Bilbo, comicamente, recomenda que ele vá procurar em outro lugar. É verdade que quando Bilbo reconhece Gandalf, uma curiosidade é despertada nele pelo lado Túk de sua família, mas logo o lado Bolseiro prevalece e Bilbo se despede apressadamente procurando abrigo em sua casa. Esta é a primeira recusa ao chamado da aventura, também comum no ciclo de outros heróis, já que estes precisam de algum tempo para alcançar a autoconsciência responsável por guiá-los para e/ao longo das jornadas que estão por vir. Gandalf, além de ser o arauto para o chamado da aventura, é a ajuda sobrenatural citada por Campbell e descrita como “[...] uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um ancião)” (CAMPBELL, 1997, p. 39). É ele quem auxilia o herói a escapar das ameaças e fornece

itens de defesa. No caso de Bilbo, ele recebe uma espécie de espada élfica que fora encontrada por Gandalf.

O comportamento “não hobbit” dos Túk, de partir em busca de aventuras, era algo que esperava a oportunidade de se apresentar a Bilbo, para mostrar o seu lado aventureiro. Quando Bilbo era criança, em seu primeiro encontro com Gandalf, “Gandalf percebeu a faceta aventureira dos Túk em Bilbo quando visitou o Condado em 2941, vinte anos antes dos eventos descritos em *O Hobbit*” (BASSHAM, 2012, p. 14). A chegada dos anões na casa de Bilbo, no dia seguinte, se dá pelo fato de que, durante uma conversa que ocorrera no dia anterior, Gandalf revela que tem a intenção de levá-lo em uma aventura. “Na verdade, vou muito além disso, vou mandá-lo nessa aventura. Muito divertido para mim, muito bom para você... e lucrativo também, muito provavelmente, se você conseguir chegar até o fim” (TOLKIEN, 2012, p. 06).

Ao ouvir isso, Bilbo se desculpa dizendo que não quer aventuras, não naquele dia e, em seu nervosismo, acaba convidando Gandalf para tomar chá no dia seguinte, em uma tentativa brusca de mudar e/ou encerrar o assunto. Na ocasião, para surpresa de Bilbo, Gandalf não estaria sozinho, mas, sim, acompanhado de treze anões. Estes vão chegando em pares e, por fim, Gandalf aparece lá fora encarando a porta e rindo em voz baixa. Os anões ficam para o jantar, convidados por Gandalf. O narrador dá algumas pistas sobre uma mudança em Bilbo durante sua conversa com Gandalf e os anões, que discutem sobre a busca para recuperar seu tesouro que foi roubado em sua terra natal. Essa conversa configura o primeiro encontro de Bilbo com os anões.

Mas o Túk interior de Bilbo é reanimado pela canção dos anões sobre o tesouro roubado e quando Gloin desdenhosamente refere-se a ele como “esse sujeitinho bufando e esperneando no tapete”. Relutantemente, Bilbo concorda em se juntar à busca dos anões e se vê em uma aventura que acaba mostrando-se também uma busca por seu verdadeiro eu (BASSHAM, 2012, p. 15).

Esse Túk interior momentaneamente reanimado em Bilbo desaparece com a mesma rapidez com que havia surgido. Podemos perceber que Bilbo só aceita participar da aventura devido ao comentário de Glóin, um dos anões da companhia, para provar que aqueles que o estão julgando de modo negativo estão completamente errados a seu respeito:

Um dos modos pelos quais a aventura pode começar: um erro, aparentemente um mero acaso, revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas (CAMPBELL, 1997, p. 31).

Os anões começam a cantar outra música, sobre a Montanha Solitária, o seu trabalho nas minas, um Rei Elfo e seus tesouros e a chegada do dragão. Então Bilbo, atento à letra da música, toma consciência do propósito da jornada. Em seguida, começa a imaginar coisas que nunca pensara antes, lugares que nunca havia visitado, criando inclusive a imagem de si mesmo empunhando heroicamente uma espada.

Enquanto cantavam, o hobbit sentiu agitar-se dentro de si o amor por coisas belas feitas por mãos, com habilidade e com magia, um amor feroz e ciumento, o desejo dos corações dos anões. Então alguma coisa dos Túk despertou no seu íntimo, e ele desejou ir ver as grandes montanhas, e ouvir os pinheiros e as cachoeiras, explorar as cavernas e usar uma espada ao invés de uma bengala (TOLKIEN, 2012, p. 15).

Vemos então a aparição de sentimentos intensos, comuns na narrativa heroica, já que a vida do herói nunca é tranquila, apesar de, neste momento, Bilbo viver sossegadamente em sua rotina. Assim, sua própria busca por aventura se deve a uma crescente falta de saciedade e desejo por intensidade. A essência heroica que se manifesta em Bilbo está coberta por camadas de conformismo que, entretanto, foram incapazes de apagar esse desejo de aventurar-se. Percebe-se um desejo pela transformação: isto é, de livrar-se daquilo que traz conforto e tranquilidade e buscar riscos e perigos que podem matá-lo, mas que, ao mesmo tempo, o fazem se sentir mais vivo do que nunca.

Mesmo depois da canção, e de Bilbo tentar deixar de lado esses sentimentos despertados em seu interior, ele tem dificuldade de parar de pensar na letra da música, e, quando consegue adormecer, tem sonhos desagradáveis. Nisso, sua evolução muito se encaixa no desenvolvimento arquetípico da primeira fase do herói, que também passa por frustração similar no início de sua jornada:

Daí por diante, mesmo que o herói retorne, por algum tempo, às suas ocupações corriqueiras, é possível que estas se lhe afigurem sem propósito. E,

então, uma série de indicações de força crescente se tornará visível, até que [...] a convocação já não possa ser recusada (CAMPBELL, 1997, p. 33).

Quando Bilbo acorda no dia seguinte e percebe que todos já saíram, ele tenta se convencer de que tudo isso de dragões e tesouros não passa de uma besteira, ainda mais para alguém com 50 anos de idade. Quando achava que tudo estava normal novamente, Gandalf aparece para avisá-lo que faltam dez minutos para ele se juntar à companhia. Isso faz Bilbo arrumar uma mochila apressadamente e ir ao ponto de encontro escolhido pelos outros membros do grupo, chegando no local pontualmente. Para este fim, entretanto, ele acaba deixando vários pertences para trás, como lenço, dinheiro, bengala etc.; “No entanto, o que vemos em Bilbo não é simplesmente um aspirante a aventureiro, mas também um aventureiro incompetente” (OLSEN, 2012, p. 40). Ainda assim, estes esquecimentos pouco significam em comparação com a jornada que se inicia, evidenciando, na verdade, o quanto o chamado para a aventura supera as amenidades que aqueles itens representam:

Mas, pequeno ou grande, e pouco importando o estágio ou grau da vida, o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração - um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento (CAMPBELL, 1997, p. 31).

Terminada a música que cantam antes da partida, os personagens começam a discutir planos, caminhos, meios, política e estratégias. Decidem sair no dia seguinte bem cedo, pois a viagem seria longa, da qual alguns, ou todos, com exceção de Gandalf, voltariam para casa. Mas, quando Bilbo ouve isso, ele grita: todos os anões se levantam e, com o susto, derrubam a mesa. Gandalf acende seu cajado e todos podem ver Bilbo ajoelhado no tapete, tremendo: “Então caiu duro no chão e ficou gritando – atingido por um raio, atingido por um raio! – repetidas vezes; e isso foi tudo que conseguiram arrancar dele por um longo tempo” (TOLKIEN, 2012, p. 16).

Gandalf, depois desta cena que Bilbo criara, o chama de “sujeitinho impressionável”, mas ele seria um dos mais importantes membros da companhia e, quando precisassem dele, veriam que ele pode ser mais feroz que um dragão. Um dos anões, Glóin,

expressa sua dúvida sobre a competência de Bilbo como ladrão: “Assim que bati os olhos nesse sujeitinho bufando e esperneando no tapete, eu tive minhas dúvidas. Ele parece mais um dono de armazém que um ladrão” (TOLKIEN, 2012, p. 17). Sim, ele poderia ser comparado com um dono de armazém, mas tinha ciência de ser possuidor das habilidades para ser um ótimo ladrão, pois os hobbits são conhecidos por conseguir se mover silenciosamente sem chamar atenção. Ladrão: esse é o papel que Bilbo desempenharia na companhia ao chegar à Montanha Solitária, para tentar enganar o dragão Smaug, que, atraído pelos tesouros da montanha, a tomou como casa. Gandalf diz então: “Se eu digo que ele é um ladrão, isso é o que ele é, ou será quando chegar a hora. Existe muito mais nele do que vocês podem imaginar, e muito mais do que ele mesmo possa ter ideia” (TOLKIEN, 2012, p. 18-19). Este trecho demonstra como Gandalf, ao contrário dos anões, nunca duvida de Bilbo, tendo mais fé e vendo mais potencial no hobbit do que o próprio hobbit se dá crédito. Sobre a sua função na companhia:

Bilbo é escolhido para se juntar a Thorin e companhia não como um guerreiro violento, mas como um ladrão, um papel comparativamente mais cômico. Assim, não se pode esperar que Bilbo conquiste glória na tradição marcial clássica (TALIAFERRO; URBEN, 2012, p. 75).

O primeiro limiar cruzado na aventura da companhia são os trolls, ou seja, “os guardiões do limiar” (CAMPBELL, 1997, p. 44). Neste momento, Bilbo é mandado para verificar uma luz que vinha por entre as árvores próximas ao acampamento montado. Para sua surpresa, Bilbo acaba descobrindo que se tratavam de trolls. Mas, como já citado, Bilbo nunca havia feito algo assim em sua vida. Por isso, ele pensa que deveria voltar e avisar os anões, mas, após uma reflexão, concluiu que um ladrão de primeira classe já teria roubado os três trolls. Só que Bilbo não contava com o encantamento que as bolsas de moedas dos trolls possuem, avisando-os, assim, de sua presença. Então, quando os trolls começam a brigar sobre como devem cozinhar o hobbit, na confusão, ele consegue escapar. Em seguida, chegam os anões, que aparecem por causa da demora de Bilbo em voltar. Eles decidem agir, o que ocasiona a captura de todos. Assim, o grupo inteiro começa a ser preparado pelos trolls para um assado. Ao ponto de não “conquistar ou aplacar a força do limiar” (CAMPBELL, 1997, p. 50), o herói nesta etapa corre o perigo de permanecer dentro de sua experiência de vida anterior à aventura.

Seu primeiro trabalho profissional não terminou como planejado [...] A missão de Bilbo, lembremos, é simplesmente mover-se furtivamente até a fogueira e ver se tudo está “perfeitamente seguro e tranquilo”. [...] No entanto, a coisa mais importante acerca desse incidente com Bilbo é sua escolha consciente de aceitar e tentar viver à altura do título que Gandalf lhe deu; uma escolha que, de certo ponto de vista, é bastante inesperada (OLSEN, 2012, p. 43).

No último momento, a companhia e Bilbo são salvos por Gandalf, que conversa e confunde os trolls para distraí-los, dando tempo suficiente para o sol nascer e transformá-los em pedra. As mudanças em Bilbo acontecem durante toda a aventura. Talvez o evento mais importante dessa jornada inesperada seja quando ele encontra um anel, o que provoca uma transformação drástica, fornecendo mais evidências de que Bilbo, apesar de ser tão comum, pode vir a se tornar um herói/anti-herói, pois, após esse encontro, todos os eventos que causam uma mudança em Bilbo estão, de alguma maneira, ligados ao anel. Nisso relembramos o ciclo apresentado por Campbell (1997, p. 18): “O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito”.

Bilbo começa a história como um hobbit qualquer, que encontra, posteriormente, adversidades antes por ele nunca imaginadas. Isso ocorre em regiões selvagens e mágicas, de onde ele retorna transformado. Em seu retorno, Bilbo nota o quanto ninguém sabia que ele tinha participado daquelas aventuras. Por isso, se surpreende quando retorna e descobre que seus pertences estão sendo leiloados. Todos no Condado e vários de seus parentes, acreditando que ele estivesse morto, estavam tentando reivindicar a sua casa e bens, pois havia passado um ano e dois meses longe de casa. Na visão deles, a existência de Bilbo não resulta em benefício algum para os outros hobbits do Condado, a não ser o fato de que, agora, alguns poderiam ficar com parte de seus bens. Este evento diverge daquilo que se esperaria de uma narrativa heroica, pois o herói normalmente traz benefícios para seu povo e é por ele amplamente respeitado. Isso está longe de ser o que acontece *a priori* com Bilbo, que traz sim benefícios, mas fundamentalmente para ele mesmo – neste caso, sua parte do tesouro que lhe havia sido prometido e que resulta apenas em benefícios próprios. Tanto sua família quanto os outros hobbits do Condado permanecem na mesma condição em que estavam antes. Ainda assim, a reação daqueles que

Bilbo gostaria que o estivessem esperando deixa nosso herói incomodado, podendo agora ser chamado de herói devido ao desenvolvimento de algumas das características que apresentou até o seu retorno e que são remetidas aos heróis propriamente ditos, em especial porque:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes (CAMPBELL, 1997, p. 19).

O achado do anel é o evento mais importante e decisivo do livro, porque leva Bilbo para seu encontro com Gollum. O narrador mostra a importância de Bilbo encontrar o anel: “Era um ponto decisivo em sua carreira, mas ele não sabia” (TOLKIEN, 2012, p. 69), pois o anel estaria relacionado principalmente com eventos posteriores. O narrador do romance utiliza de sua onisciência para revelar que aquele instante consiste no momento decisivo da trajetória de Bilbo: “Sem dúvida, a descoberta do anel é um momento importante, e, se formos ler *O Senhor dos Anéis*, nós o recordaremos como o momento decisivo de toda a história da Terra Média” (OLSEN, 2012, p. 74). Há uma mudança no personagem neste incidente: depois de encontrar o anel, Bilbo o utiliza para derrotar Gollum e escapar dos túneis dos goblins. Bilbo, caminhando pelos túneis, já perdido e separado dos anões, chega a um lago subterrâneo na montanha:

Gollum entrou no barco e afastou-se da ilha enquanto Bilbo estava sentado na borda, completamente, no fim do caminho e com o juízo no fim. De repente surgiu Gollum sussurrando e chiando: - Que beleza e que moleza, meu preciosso! Acho que temos um lauto banquete; pelo menos um bocado para nós, gollum! – e quando dizia *gollum*, fazia um ruído horrível na garganta, como se estivesse engolindo alguma coisa. Era assim que tinha conseguido esse nome, embora sempre chamasse a si mesmo de ‘meu precioso’. O hobbit quase pulou fora da própria pele quando o chiado chegou-lhe aos ouvidos, e, de repente, viu os olhos pálidos e salientes voltados para ele (TOLKIEN, 2012, p. 73).

Bilbo prossegue perguntando quem é, ao que Gollum fala consigo mesmo se perguntando quem é Bilbo. Então ele se apresenta para Gollum dizendo seu nome completo e que se perdeu dos anões. Gollum propõe adivinhas e analisa Bilbo. Nas palavras de Gollum:

“Você pode sentar aqui e conversar com nós um pouquinho, meu precioso. Você gosta de adivinhas, vai ver que gosta, não gosta?” (TOLKIEN, 2012, p. 73). Naquele momento, a ânsia de Gollum é por parecer mais amigável, indagando o hobbit acerca de sua espada, mas interessado, realmente, em saber “se ele estava sozinho, se era bom para comer” (TOLKIEN, 2012, p. 73). O encontro de Bilbo com Gollum acontece quando o personagem fica para trás dos companheiros de viagem, por não conseguir acompanhá-los na fuga dos túneis.

Bilbo é derrubado por um orc das costas de um dos anões que o carregava e, na queda, bate a cabeça e desmaia, mostrando que, diferentemente da maioria dos heróis clássicos, ele precisa de ajuda em grande parte das situações de risco. Quando acorda, ele nada consegue enxergar. Tamanha é a escuridão que, “[q]uando Bilbo abriu os olhos, duvidou que o tivesse feito, pois tudo continuava tão escuro quanto antes de abri-los” (TOLKIEN, 2012, p. 69). Percebe que está sozinho e, para tentar se localizar, começa a tatear as paredes do túnel em que se encontra, correndo mesmo sem saber em que direção está indo. Porém, como ainda está tonto por conta da pancada na cabeça, acaba caindo de novo, mas continua se arrastando, sem demonstrar que está otimista com a perspectiva de conseguir sair, nem esperançoso de encontrar essa saída sozinho. Durante todo este tempo, Bilbo continua lembrando sua casa e só compreende qual é seu verdadeiro lar quando o deixa para iniciar na aventura. É então que ele toca sem querer em um objeto que se parecia com um anel, no chão:

No entanto, esse instante em que Bilbo descobre que está sozinho, no escuro, nos túneis dos goblins, também é decisivo num sentido muito mais pessoal. Talvez seja a pior situação em que Bilbo se encontrará alguma vez em todas as suas aventuras. Há perigos maiores que ele terá de enfrentar sozinho depois em sua história, mas ele será um hobbit diferente e mais experiente na ocasião (OLSEN, 2012, p. 74).

Talvez seja decisivo e pessoal, por Bilbo se encontrar em uma posição objetivamente ativa pela primeira vez, sendo até o momento um mero observador sem tomar muita iniciativa em resolver os problemas que apareceram até o momento. O que ele realmente teria feito, até ali, seria tentar roubar os trolls, falhar e gritar na caverna dos goblins, mostrando que não possui ainda características de um herói clássico, mas, sim, de um herói problemático. Agora ele está à mercê dos próprios recursos, que não são muitos. Se, no começo, teve um

colapso ao mero pensamento de perigo para si, agora encontra-se, poucas semanas depois, obrigado a achar o caminho para fora da montanha dos goblins, desta vez sozinho, sem a ajuda e companhia dos anões. Além disso, trata-se de um momento pessoalmente transformador, pois o anel torna Bilbo o personagem que, posteriormente, todos conheceríamos – bem como seus contemporâneos, habitantes do Condado. O anel é o conflito máximo da vida de Bilbo, guia das suas jornadas, felicidades e angústias fundamentais: neste sentido, o encontro é fundamental, pois marcaria toda sua existência a partir de então.

Sem saber o que fazer, Bilbo senta-se por um longo tempo, pensando se “já estava na hora de fazer alguma refeição” (TOLKIEN, 2012, p. 69). Isso o deixa mais desanimado, pois quase não há pertence algum consigo, muito menos comida. Neste ponto novamente vemos que Bilbo não possui ou demonstra características de herói, pois, ao invés de procurar uma saída, ele fica mais preocupado com o tempo e com a falta de comida, coisas que, para o herói clássico, nunca seriam sua prioridade. Depois de um bom tempo, tateia por seu cachimbo (que levava consigo na aventura), mas não o encontra. Percebe então que sua espada brilhava fraca e palidamente.<sup>3</sup> Com a possibilidade de haver orcs ou goblins por perto, resolveu seguir em frente. O túnel por onde caminha parece não ter fim, havendo entradas laterais de onde se pode ver um brilho muito fraco de tochas e, em outros, se pode ouvir o barulho de asas de morcegos.

O ambiente no qual tal encontro acontece é precedido pela chegada de Bilbo ao que parecia o final do túnel. Ali ele depara-se com água muito gelada, advinda de um lago subterrâneo. Nesse lago há uma ilha de pedras onde vive a criatura Gollum,<sup>4</sup> que, por ter morado por muito tempo nesse lugar escuro, consegue enxergar Bilbo com facilidade. Bilbo, que nada vê, ouve a criatura sussurrar e soltar chiados, chegando cada vez mais perto, mas sem que o hobbit saiba exatamente por qual lado, pois só o que se podia ver eram os olhos brilhantes. Gollum fica curioso e indaga quem estava ali; Bilbo então se apresenta e conta que havia se perdido. Com medo, saca a espada (mas não a utiliza), gesto consideravelmente diferente do de um herói clássico, o qual, ao se ver em perigo ou talvez se sentir ameaçado, normalmente toma alguma atitude, pois é, como Hourihan (1997, p. 03) descreve, “um homem de ação”. A atitude

---

<sup>3</sup> A espada de Bilbo estava brilhando por ter sido forjada por elfos. Qualquer lâmina forjada por elfos brilha caso orcs ou goblins estejam por perto: quanto mais perto, mais forte o brilho da lâmina.

<sup>4</sup> Antes de se chamar Gollum, ele se chamava Sméagol e era um descendente dos hobbits, mas, por ter encontrado um anel, foi corrompido, se isolando e dependendo do anel para caçar, pois o deixava invisível.

de Bilbo deixa Gollum ainda mais curioso e querendo conversar. Assim, Gollum propõe um jogo de adivinhação, só que suas intenções eram de transformar Bilbo em sua refeição.

Nesse jogo de adivinhas, Bilbo acerta a primeira facilmente. Em seguida, Gollum faz uma proposta: caso ele ganhe, ele poderá comer Bilbo, mas, se Bilbo ganhar, Gollum mostrará a saída da montanha dos goblins. O jogo corria bem, até Bilbo ficar sem mais adivinhas; foi então que, sob pressão, fez a pergunta: “O que eu tenho no bolso?” (TOLKIEN, 2012, p. 78). Gollum reclama de que a pergunta não é justa e exige que tenha três chances. Ele erra as três chances. Quando Bilbo pergunta sobre a promessa de mostrar a saída, Gollum tenta mudar de assunto, pois queria achar o anel de poder que possuía e que, quando usado, o deixa invisível. Ao buscá-lo, ele não o encontra, então começa a desconfiar do que Bilbo realmente tinha no bolso.

Gollum então dá uma desculpa para Bilbo, dizendo que precisa pegar algumas coisas antes de partirem. Bilbo, percebendo a demora de Gollum para lhe mostrar a saída, em seu nervosismo tateia em seu bolso: “Colocou a mão esquerda no bolso. O anel estava muito frio quando escorregou em seu indicador tateante” (TOLKIEN, 2012, p. 83). Gollum tenta procurar Bilbo no escuro. Normalmente, como enxergava melhor nessas condições, ele não teria problemas em achá-lo, e, justamente por isso, Bilbo sente-se ameaçado e pensa no que poderia fazer. “Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, recuperar o fôlego, levantar-se ou brandir a espada, Gollum passou, sem se dar conta dele, praguejando e sussurrando enquanto corria” (TOLKIEN, 2012, p. 83). Percebendo que Gollum passa por ele e não o vê, Bilbo segue-o até a saída. Bilbo poupa a vida de Gollum, mas este jura ódio aos Bolseiros, chamando-os de ladrões, pois tem certeza de que havia sido roubado: “‘Maldito!’ Chiava Gollum. ‘Maldito Bolseiro. Ele se foi! O que ele tem nos bolsos? Nós adivinha, nós adivinha, meu precioso [sic.]. Achou ele, é sim, deve ter achado. Meu presente de aniversário” (TOLKIEN, 2012, p. 83). Apesar das desconfianças, antes de encontrar Gollum, Bilbo já havia encontrado o anel em um dos túneis, provavelmente perdido por Gollum enquanto estava fora caçando.

Quando Bilbo vê que já está próximo da saída, goblins estavam se aproximando, por isso deu um salto por cima de onde Gollum estava parado. Gollum até tenta pegar Bilbo, mas esse já havia conseguido dar o salto, então só faltava passar pela porta de pedra guardada pelos goblins, onde Bilbo apenas perde alguns botões de seu casaco. Bilbo, em sua jornada para

a montanha dos anões, passa a ter uma compreensão “mais profunda sobre os lados em conflito em sua constituição, que quer mais da vida do que simplesmente conforto, uma boa erva para o cachimbo, uma adega bem abastecida e seis refeições por dia” (BASSHAM, 2012, p. 18). Ainda assim, Bilbo não deixa que essas ambições e desejos modifiquem seu pensamento, fazendo-o, por exemplo “ter delírios de grandeza” (BASSHAM, 2012, p. 18). A aventura de Bilbo na Montanha Solitária implica, é verdade, muitos sentimentos negativos, já que ali ele encontra diversos perigos e sofre muito por causa do frio, da fome, da privação de sono, do medo e da fadiga. Por outro lado, segundo Bassham (2012, p. 18), esses processos penosos e sofríveis são recompensados, pois “lentamente, sua autoconfiança cresce e ele descobre forças ocultas, incluindo um insuspeito talento para a liderança”.

Após Bilbo encontrar o anel e saber do que ele é capaz, ele começa a enfrentar situações mais perigosas, sendo o achado do anel o que lhe deu uma nova confiança. Durante a sua passagem pela Floresta das Trevas, a companhia fica sabendo que, em sua fronteira, Gandalf precisaria abandonar a todos. Antes de partir, ele dá o conselho: “E adeus a todos vocês! Adeus! Direto pela floresta é o seu caminho agora. Não saiam da trilha! Se fizerem isso, têm uma chance em mil de encontrá-la de novo e de sair da Floresta das Trevas” (TOLKIEN, 2012, p. 135). Por não prestarem atenção e ir contra esse conselho, os anões acabam por cair no meio das aranhas que haviam invadido a floresta. Bilbo assume a posição de líder do grupo, dada a ausência de Gandalf, durante a batalha contra as aranhas. Matar uma das aranhas sozinho e nas condições em que se encontrava faz uma grande diferença para Bilbo:

Quando acordou sozinho na escuridão, perdido nos túneis dos goblins. Foi um ‘momento decisivo’ em sua trajetória, quando ele achou o anel mágico e quando usou seus próprios recursos pela primeira vez para ter êxito como aventureiro. Agora, na Floresta das Trevas, Bilbo enfrenta um desafio maior, que o obrigará a dar o próximo grande salto à frente em seu desenvolvimento, se ele quiser sobreviver. [...] Ele puxa a sua espada a sério e, agora, realmente a utiliza, pois, dessa vez, quando desperta percebe que não está sozinho na escuridão (OLSEN, 2012, p. 130).

Sentia-se uma pessoa diferente, mais feroz e corajosa, mesmo que tenha lutado com o estômago vazio. Enquanto limpava sua espada, colocando-a de volta na bainha, ele decide nomear a lâmina como Ferroada. “O Bilbo Baggins que invade o viveiro de aranhas gigantes

para resgatar seus amigos pode vir a ser bastante irreconhecível para seus vizinhos quando voltar para casa. Sua vida completamente previsível está muito distante agora” (OLSEN, 2012, p. 134). Aqui, alerta Olsen (2012, p. 134), nos deparamos com esse novo Bilbo, “transformado pela derrota daquela primeira aranha e acompanhado por sua espada recém-nomeada” (OLSEN, 2012, p. 134). A nomeação de espadas naquele tempo era para mostrar os feitos heroicos dos grandes guerreiros, e indicava, assim, que Bilbo estava ganhando autoconfiança e coragem. A fuga das aranhas só traz outro desafio, pois Bilbo e os anões são capturados pelo Rei Elfo, Thranduil, e colocados em suas masmorras. A fuga das masmorras do Rei Elfo é feita com a ajuda do anel do poder que Bilbo agora tem.

Bilbo prova possuir, em seu potencial, a força mental e emocional de um herói com a sua estratégia para libertar seus amigos e passar mais uma vez de modo imperceptível pelos elfos com a ajuda do anel. Ele o utiliza para libertar os anões das celas e, em seguida, colocá-los em barris vazios de vinho que seriam soltos por um canal fluvial que passava pelas partes mais baixas do palácio do Rei Elfo. O canal, mais ao leste, encontra o Rio da Floresta que estava ligado à Cidade do Lago, por onde ambos, elfos e homens, mantinham um tipo de comércio. Estes dois eventos aumentam a apreciação de Bilbo pela busca, tanto que ele não mais reclama de amenidades ou do “desconforto” da aventura, por ter deixado sua vida cômoda em casa.

Bilbo prova mais uma vez sua força mental na resolução do enigma, para que os anões possam entrar na montanha através da porta secreta. Depois de entrar na montanha, Bilbo demonstra sua força física, enfrentando mais este processo e um oponente importante: o dragão Smaug. Em sua conversa com Smaug, o dragão chama Bilbo de “um ladrão e um mentiroso” (TOLKIEN, 2012, p. 217), pois ele tinha roubado uma taça de um dos salões que era a toca do dragão.<sup>5</sup> A acusação, neste caso, está correta: a taça seria uma prova de que Bilbo poderia sim ser um ladrão e roubar de um dragão, já que desde o começo duvidavam dele. “[A]garrava a taça, e seu principal pensamento era: ‘Eu consegui! Isso vai mostrar a eles. Mais parecido com um dono de armazém do que com um ladrão, pois sim! Bem, ninguém mais falará no assunto’” (TOLKIEN, 2012, p. 211). Bilbo estava usando o anel, e, sem se deixar enganar pelas perguntas

---

<sup>5</sup> “Smaug, em sua conversa com Bilbo chama-o de ‘um ladrão e um mentiroso’, mas Bilbo não é ladrão e, na realidade não lhe conta nenhuma mentira. Roubo pode ser uma carreira duvidosa, via de regra, mas Bilbo mantém sua integridade moral. Apesar do plano de carreira escolhido para ele, a honestidade e a retidão de Bilbo nos dão motivo para esperar que talvez o ladrão da Pedra Arken vire para o bem e não para o mal” (OLSEN, 2012, p. 193).

do dragão, descobre assim a única fraqueza de Smaug, o que torna possível matá-lo.

O embate entre Bilbo e o dragão consiste em um momento crucial da narrativa. Ele, Bilbo, “coloca seu anel e desliza ‘prosseguindo silenciosamente, descendo, descendo, na escuridão’. Em pouco tempo, não só perde contato com os amigos, mas também com a luz do dia” (OLSEN, 2012, p. 169). Vale lembrar especificamente outros dois eventos da história: 1) quando Bilbo desperta no túnel das cavernas dos goblins; e 2) quando ele acorda na Floresta das Trevas, prestes a encontrar uma aranha gigante; “Sozinho na escuridão, Bilbo está numa situação nitidamente similar aos dois momentos decisivos anteriores de sua trajetória” (OLSEN, 2012, p. 169).

Acostumando-se com a ideia de ter de lidar com a solidão e a escuridão, que repentinamente surgem em seu caminho, observa-se então o aumento do compromisso de Bilbo em momentos como esses. Na primeira vez em que acorda no escuro, muito pouco é exigido dele: ele está sozinho e tem de achar a saída, pois os anões já estão quase saindo quando Bilbo se perde deles. Ao agir sozinho, torna essa passagem um grande momento, mas percebemos que suas opções são limitadas. Já na segunda vez, Bilbo mostra-se mais atento para se salvar do ataque das aranhas, mas não sem colocar-se em perigo para este fim (coisa que queria bem longe de si no começo da história). Assim, ele consegue salvar seus companheiros de viagem com mais autoridade. Na terceira vez ele não dorme e nem é neutralizado, mas acorda sozinho de novo. Dessa vez, opta por dar as costas aos seus amigos propositalmente, sendo uma atitude corajosa e sem comparação com o que acontece depois, já que o faz como forma de altruísmo. Olsen (2012, p. 169-170) resume esses feitos do personagem:

Os três momentos decisivos, considerados em conjunto, formam um padrão interessante. Podemos, por exemplo, observar uma escala progressiva do perigo e da desesperança das situações. Na primeira vez, ele se perdeu nas montanhas, em túneis desconhecidos cheios de goblins, precisando escapar por sua própria conta de um Gollum desesperado e furioso. Em seguida, perdeu-se na escuridão ainda mais irremediavelmente impenetrável da Floresta das Trevas, tendo não só de escapar das aranhas caçadoras como também de procurar o covil delas e atacá-las a fim de resgatar seus amigos. Na terceira vez, tem de seguir só para invadir a toca de um enorme dragão incendiário, que destruiu reinos inteiros sozinho. Felizmente para Bilbo, esse é o momento decisivo final.

Uma vez que Smaug é derrotado, Bilbo toma posse de vários artigos valiosos, atitude digna de um herói e/ou guerreiro em busca de seus troféus. Mas, no seu caso, é bem verdade que ele o faz também porque esses artigos tinham-lhe sido prometidos pelos anões, que dão a ele a oportunidade de escolher o que deseja levar dali. Ele não tarda a escolher a Pedra Arken, a qual o atrai “de uma forma tão intensa quanto sua mão; e tão impressionado quanto ficou com o monte de ouro quando viu pela primeira vez, ele declara: ‘Acho que escolheria isto, mesmo que eles ficassem com todo o resto’” (OLSEN, 2012, p. 192). Foi amor à primeira vista; e a impressão que nós, leitores, temos é a de que Bilbo nunca se separaria da Pedra<sup>6</sup>.

De repente, o braço de Bilbo foi na direção dela, por seu encantamento. Não podia envolvê-la em sua pequena mão, pois era uma pedra grande e pesada, mas ele a ergueu, fechou os olhos e a colocou no bolso mais fundo que tinha. ‘Agora sou mesmo um ladrão’, pensou ele. ‘Mas acho que devo contar isso aos anões — qualquer hora. Eles realmente disseram que eu poderia pegar e escolher a minha parte. Mesmo assim, tinha a incômoda sensação de que poder pegar e escolher não significava aquela pedra maravilhosa e de que aquilo ainda lhe causaria problemas (TOLKIEN, 2012, p. 230).

Podemos, neste trecho, ter uma noção da grandiosidade da pedra, que mal cabia na pequena mão de um hobbit. Como vários exércitos sitiavam em volta da montanha para tomar posse do tesouro, uma vez que o dragão está morto, Bilbo, ao contrário dos anões, prova sua abnegação ao tentar negociar com os sitiantes da montanha para evitar uma possível batalha contra os anões. “Tolkien escreve que os hobbits estão em maior contato com a ‘natureza’ (o solo e outros seres vivos, plantas e animais), e [são] anormalmente, para os humanos, livres de ambição ou cobiça de riqueza” (BRANNIGAN, 2012, p. 30). Nisso vemos o quanto estaria correta sua sensação de que aquilo ainda se ligaria a outros de seus problemas. A apoteose de

---

<sup>6</sup>“Era a Pedra Arken, o Coração da Montanha. Foi o que Bilbo imaginou pela descrição de Thorin; mas, realmente, não poderiam existir duas pedras iguais àquela, mesmo em um tesouro assim tão esplêndido, mesmo em todo o mundo. Durante toda a escalada, o mesmo brilho branco reluzira diante dele, atraindo seus passos. Lentamente, ele cresceu, transformando-se num pequeno globo de luz pálida. Agora, à medida que ele se aproximava, uma faísca bruxuleante de muitas cores tingia sua superfície, refletindo e partindo a luz oscilante da tocha. Por fim o hobbit olhou para baixo e quase perdeu o fôlego. A grande pedra brilhava diante de seus pés com uma luz própria, que vinha de dentro dela e, mesmo assim, cortada e lapidada pelos anões, que a haviam retirado do coração da montanha muito tempo atrás, ela captava toda a luz que caía sobre sua superfície, transformando-a em dez mil faíscas de brilho branco, tocado pelas cores do arco-íris” (TOLKIEN, 2012, p. 230).

Bilbo ocorre quando, como um símbolo de sua boa vontade, ele dá a Pedra Arken para Bard. Representando o povo dos homens, Bard recebe a pedra como um suborno contra Thorin, o sucessor ao trono da Montanha Solitária, devido ao carinho do anão para com a pedra. Bilbo também mostra coragem para se juntar à companhia, após se desfazer da pedra, enfrentando a possibilidade de se ferir caso contasse aos anões sobre sua traição. Disso ele é salvo novamente pela intervenção sobrenatural de Gandalf.

Segundo Olsen (2012, p. 212-13), Bilbo age contrariamente ao espírito de ganância do dragão que estava se espalhando dos dois lados do conflito. Quando entrega a Pedra Arken a Bard, deve-se lembrar de que ele já havia sido enfeitado pela beleza da pedra, escolhendo-a conscientemente como a parte de pagamento. Porém, mesmo com a entrega da pedra, nota-se que Bilbo não está entregando somente ela, mas, sim, também todo o direito que tinha de recompensa, mesmo que possua consigo o contrato feito com os anões. Bilbo não é imune à doença do dragão,<sup>7</sup> mas tem de vencê-la sozinho. Em meio a este impasse de reclamações de direitos, ele abre mão de tudo.

Quando Bard revela a Thorin que a Pedra Arken está em sua posse, Bilbo admite ter dado a pedra para Bard. Obviamente, esta declaração poderia tê-lo levado a sofrer alguma injúria da parte de Thorin, se não fosse pela insistência de Gandalf para deixar Bilbo justificar suas ações. Durante boa parte do livro Bilbo tenta provar que é um ladrão eficiente, por ter sido subestimado desde o começo. No final, acaba admitindo que nunca realmente sentiu-se como um, pois, embora tenha aceito o cargo, não se sentia confortável nele: “sua autojustificativa se tornou autossacrifício, e ele está ‘disposto a penhorá-la em troca de toda’ sua reivindicação. Bilbo provou a si mesmo ser um ladrão excelente, mas permaneceu ‘um ladrão honesto... mais ou menos’” (OLSEN, 2012, p. 215). A tentativa de Bilbo de comprar a paz se revela um

---

<sup>7</sup> “Também não contava, porém, com o poder que tem o ouro muito tempo guardado por um dragão nem com o coração dos anões” (TOLKIEN, 2012, p. 256-57). Os dragões da Terra-média eram ávidos por ouro e procuravam reservas onde pudessem guardar para si mesmos todos os tesouros que conseguiam. Famosamente esta foi a causa da descida de Smaug em Erebor; atraído pela imensa riqueza dos anões que ali viviam, ele saqueou a Montanha Solitária e reuniu seu tesouro no Grande Salão de Thráin (pai de Thorin). Smaug habitou em Erebor durante cento e setenta e um anos até ser eventualmente morto por Bard, o arqueiro. Naquela época, porém, o ouro sobre o qual ele havia deitado ficara pesado com a doença do dragão, uma doença que afetou aqueles que entraram em contato com esse ouro. A doença do dragão foi primeiro vista em Thorin Oakenshield, quando ele se recusou a prover o assassino do Dragão e seu povo. A doença do dragão afeta alguns mais do que outros, e seus efeitos são especialmente poderosos para aqueles que já eram gananciosos e egoístas. O caso mais extremo disso foi o Mestre da Cidade do Lago, que recebeu uma parte do tesouro de Smaug para ajudar na reconstrução da cidade-lago. Em vez disso, o Mestre pegou o ouro e fugiu para o Urzal Seco, eventualmente morrendo de fome.

fracasso, pois a guerra acontece de qualquer maneira:

Suas intenções foram boas, e, considerando em si mesmo, o ato de abnegação envolvido foi admirável. Ao colocar o bem dos outros acima de seu próprio benefício e de desejo pela Pedra Arken, Bilbo trabalhou em oposição direta à doença do dragão que afetava a todos. Em retrospecto, porém, Bilbo sente que ‘fez uma grande confusão a respeito daquele negócio da pedra’. Quando a cobiça e a suspeita eram os fatores principais que ameaçavam a paz, a tentativa de utilizar o desejo de Thorin pela pedra Arken para promover a reconciliação provavelmente não foi uma boa ideia. É difícil imaginar como o plano de Bilbo poderia ter levado à harmonia e à boa vontade; tudo o que fez foi intensificar os riscos (OLSEN, 2012, p. 224).

Após o confronto final entre o bem e o mal em *O Hobbit* (2012), o personagem de Bilbo alcança o máximo de sua evolução, crescendo em coragem e confiança devido à jornada. Apesar de todo seu desenvolvimento na narrativa, os embates parecem chegar ao fim, já que ele retorna à vida que tinha antes da aventura e não tem quaisquer outras grandes aventuras, isso considerando os livros onde a história continua após *O Hobbit* (2012).

Bilbo mudou por causa de sua jornada, e quando se aproxima de sua casa, parece cada vez mais incerto a respeito do que o regresso ao lar trará. Quando ele enfim vê a própria Colina<sup>8</sup> diante de si novamente, detém-se de repente e dá voz aos seus sentimentos num poema<sup>9</sup>. [...] A canção de Bilbo não em louvor à terra natal, mas sim uma lembrança de sua jornada. [...] A segunda estrofe se move para um pouco mais perto das próprias experiências de Bilbo (OLSEN, 2012, p. 241-42).

A canção-poema cantada por Bilbo ao ver sua casa não é alegre e, sim, apreensiva e incerta, mas, ao mesmo tempo, espontânea e de contemplação. Essa canção não louva sua terra natal, mas serve para lembrá-lo de sua jornada. A volta ao lar, apesar de representar o fechamento de um ciclo, não é o final da aventura, mas uma experiência emocional complexa:

---

<sup>8</sup> Lugar em que está localizada a casa de Bilbo.

<sup>9</sup> Segue o poema de Bilbo: Estradas sempre em frente vão, / Sob copas, sobre pedras a passar, / Por cavernas sempre sem sol / Por rios que nunca veem o mar: / Sobre a neve que o inverno semeia, / Pelas flores que junho cultua, / Sobre seixos, sobre o verde capim, / E sob as montanhas da lua. / Estradas sempre em frente vão / Sob nuvens e estrelas a passar, / Mas os pés que percorrem os caminhos / Um dia para casa vão voltar. / Olhos que fogo e espada conheceram / E em antros de pedra e horror pungente / Um dia verdes prados recontemplam / E as colinas e as matas de sua gente (TOLKIEN, 2012, p. 293-294).

“Gandalf olhou para ele. – Meu querido Bilbo! – disse ele. – Há algo errado com você! Não é mais o hobbit que era” (TOLKIEN, 2012, p. 294). Com essa frase vemos como, ao menos na perspectiva de Gandalf, Bilbo mudou ao longo do livro, ainda que tenha regressado para a vida que possuía anteriormente, pois “a incerteza de Bilbo é compreensível, mas o gracejo de Gandalf sugere que ele pode estar se afligindo sem necessidade. A Colina que Bilbo encontra no fim de sua expedição não será exatamente a Colina que ele deixou no começo” (OLSEN, 2012, p. 244). Isso decorre do processo pelo qual Bilbo passou até seu retorno, mudando suas perspectivas, transformando-se internamente – o que, de modo inevitável, gera alterações similares no meio externo. Gandalf, por outro lado, não chega a considerar que a mudança possa ser desagradável para Bilbo, pois isso permite que ele se torne o que Campbell (1997, p. 21) chama de senhor de dois mundos:

O herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Frequentemente honrado pela sociedade de que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém. Ele e/ou o mundo em que se encontra sofrem de uma deficiência simbólica. Nos contos de fadas, essa deficiência pode ser tão insignificante como a falta de um certo anel de ouro, ao passo que, na visão apocalíptica, a vida física e espiritual de toda a terra pode ser representada em ruínas ou a ponto de se arruinar. [...]. Seja o herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial (CAMPBELL, 1997, p. 21).

Apesar de não participar de mais aventuras, Bilbo ainda apresenta algumas características importantes comuns em heróis. Por exemplo, ele se torna um *outcast*<sup>10</sup> em comparação com os outros hobbits do Condado, pois é visto como um aventureiro, traço incomum para os seus semelhantes. Mais objetivamente, essa designação se deve ao fato prático de que ele desaparece por tanto tempo (um ano e dois meses). Em muitos sentidos, quando retorna, ele se mostra um novo hobbit entre aqueles que permanecem exatamente como sempre haviam sido. O respeito que ele tinha entre os outros hobbits é trocado pelo respeito que ele ganha dos elfos e dos anões.

---

<sup>10</sup> *Outcast*: não possui uma tradução exata, o mais próximo do seu significado é: exilado ou forasteiro. Mesmo assim não tem o mesmo significado que a palavra em inglês.

As experiências de Bilbo não fizeram seu lar trivial parecer sombrio; elas se fundiram nele com portento. Seu antigo relógio no console da lareira agora possui uma espada mágica pendurada sobre ele. Sua saleta de entrada agora possui uma cota de malha de prata maravilhosa. Bilbo ainda gosta de dar longas caminhadas, mas agora suas caminhadas podem levá-lo a visitar os elfos. Podemos ainda encontrá-lo relaxando em seu jardim e soprando anéis de fumaça, mas ele também pode estar escrevendo um poema enquanto faz isso (OLSEN, 2012, p. 244-245).

Bilbo já não se importa mais com o respeito de seus vizinhos hobbits pois amadureceu muito em comparação com seu antigo eu, ganhando inclusive a admiração de seres que antes temia e/ou admirava. Esta viagem pelo psicológico de Bilbo lhe dá a chance de acessar seu outro sobrenome e descobrir novos aspectos, antes sufocados, de sua verdadeira identidade. “Depois de todas as suas aventuras e seus feitos heroicos, ele ainda se considera – ainda bem – ‘apenas uma pessoazinha nesse mundo enorme’” (BASSHAM, 2012, p. 18).<sup>11</sup> Talvez Bilbo seja realmente apenas mais um sujeito insignificante, como tantos, neste mundo enorme; mas, no seu caso, suas aventuras e feitos heroicos evidenciam o quanto algo pequeno pode se tornar grandioso.

## Considerações finais

Nossa análise demonstra como, ao longo de *O Hobbit* (2012), o protagonista Bilbo Bolseiro sofre uma intensa transformação. Bilbo inicia a narrativa como um hobbit imaturo para, gradativamente, ser caracterizado com alguns traços de herói, e, portanto, como um personagem amadurecido. Tolkien (2012) divide essas mudanças na personagem de Bilbo em três partes principais do livro: antes da aventura, durante a aventura e após a aventura. Essa configuração encaixa-se perfeitamente na teoria que Campbell (1997) desenvolveria posteriormente. Segundo nossa leitura, porém, fica também evidente como Bilbo está longe de representar integralmente os mitos clássicos do herói, pois ele é desenvolvido de um modo completamente inesperado e até mesmo surpreendente. De início apático e acomodado, aparentemente sem potencial heroico algum, o sujeito acaba desenvolvendo traços de um herói, mais por necessidade de sobrevivência do que por estímulo próprio.

---

<sup>11</sup> TOLKIEN, 2012, p. 296.

Sua força, entretanto, reside justamente nisso: Bilbo é enobrecido pelo seu desenvolvimento, assinalando o poder transformador de nossas escolhas e enfrentamentos de desafios e perigos para a própria constituição de nossas identidades. De fato, a trama se centra em “Bilbo e sua transformação de alguém caseiro e apegado à rotina e às necessidades pessoais em um herói que embarca em uma aventura (não sozinho, evidentemente) para matar um dragão” (GARCIA, 2012, p. 94). Ou seja: conclui-se que um herói se torna herói, mais do que nasce nessa condição. Segundo Levin (2015-16, p. 30-31), a teoria de Campbell sobre a estrutura de narrativa e a narrativa de *O Hobbit* (2012) se encaixam perfeitamente talvez pelo conhecimento que Tolkien (2012) possuía sobre mitologias.

Pelo fato de elas seguirem um padrão mais ou menos fixo, independentemente da cultura, isso pode de fato ter influenciado na escrita da história de maneira alternativa, ainda que este detalhe não seja muito relevante para nossa leitura. Mais importante é a nossa percepção de que o herói é responsável por motivar-nos a sair de nossas zonas de conforto e buscar algo maior, mesmo que algo aconteça por força exterior, como foi o caso de Bilbo. O sujeito comum em muito lembra a natureza apática e acomodada dos hobbits em geral, já que, geralmente, ele “está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado” (CAMPBELL, 1997, p. 45). Com o herói, entretanto, algo acontece para livrá-lo dessa condição e forçá-lo na direção de algo maior. No caso de *O Hobbit* (TOLKIEN, 2012),

Bilbo deixa sua casa em parte por curiosidade e em parte por ser forçado por alguém (Gandalf). Uma das razões de partida pode ser que ele precise sair de sua casa para poder se desenvolver. Os perigos que Bilbo encontrou, nos primeiros foi ajudado por Gandalf, mas mais tarde ele usa sua esperteza e bravura recém descoberta para escapar sozinho dos perigos, mostrando que Bilbo está se desenvolvendo como um herói. Mas não um herói típico, ele é meio desajeitado no começo, e somente durante seu desenvolvimento durante a jornada ele é capaz de se tornar um herói no final (LUNDQVIST, 2007, p. 18).

Este trecho transmite bem o ciclo que integra Bilbo, desde sua partida, exigência básica para seu desenvolvimento, até seu amadurecimento final. Ao ser obrigado a participar da aventura, podemos comparar a situação na qual Bilbo se encontra com o que acontece com

frequência na história de um sujeito comum: muitas vezes precisamos, por assim dizer, que alguém nos dê um empurrãozinho para evoluirmos nessa ou naquela direção. “Sair de casa”, neste sentido, é uma metáfora para um processo maior: sair de sua zona de conforto, de seu padrão de comportamento, de seus moldes iniciais. Por isso, seria possível dizer que, até certo ponto, muitos dos hobbits criados por Tolkien (2012) se assemelhariam ao homem comum, curiosamente talvez muito mais do que seus personagens da raça humana, sempre nobres, heroicos e ambiciosos. Os hobbits provam-se figuras muito menos idealizadas, enquanto os homens são guerreiros fundados em princípios de honra e valores morais (Aragorn, Boromir, Faramir, Eomer etc.). Se os “homens” de Tolkien (2012) são caracterizações clássicas do herói trágico, é nos hobbits que nos vemos, talvez, com mais intensidade, e Bilbo traduz essa figura de um herói mais humanizado, que passa por um processo provavelmente muito similar àquele que nós (sujeitos comuns, cheios de medos, anseios e covardias) passaríamos em seu lugar.

Esta pesquisa tentou trazer uma perspectiva diferente acerca dessa leitura mais comum do livro, mostrando também que não se trata apenas de um livro de fantasia, ou de uma jornada de um herói inesperado. A narrativa fala também sobre o desenvolvimento pessoal do sujeito comum, aspecto este que talvez ficasse obscuro caso não olhássemos para personagens como Bilbo como um espelho de nossa própria condição. Apesar de tudo, é verdade que em toda pesquisa sempre há certas limitações; no nosso caso, essas limitações apareceram talvez ao tentar encaixar todas as características do herói em Bilbo, pois, principalmente no que concerne ao seu retorno ao *status quo*, o personagem não vai mais participar de aventuras e não usa mais as habilidades que adquiriu, se resignando a contar para os mais novos suas aventuras e relembrar tempos que lhe parecem agora tão distantes. Nisso, Bilbo foge consideravelmente da regra clássica, sendo que, em muitas histórias heroicas, o herói aparece em algum outro evento e tem novamente um destaque depois de voltar para casa. A análise da representação de Bilbo enfatiza outras questões da condição humana como um todo – por exemplo, a de que precisamos sair de nossas zonas de conforto durante a vida; caso contrário, ficaremos estagnados em uma identidade pré-concebida, rotineira e desnecessariamente limitada.

## Referências

BASSHAM, Gregory. O hobbit aventureiro. In: IRWIN, William; BASSHAM, Gregory. BRONSON, Eric (orgs.). **O Hobbit e a filosofia**. Rio de Janeiro, BestSeller, 2012. p. 13-27.

BRANNIGAN, Michael C. “Estrada sempre em frente vão”: Um Tao hobbit. In: IRWIN, William; BASSHAM, Gregory; BRONSON, Eric (orgs.). **O Hobbit e a filosofia**. Rio de Janeiro, BestSeller, 2012, p. 27-39.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: Uma Biografia**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GALVÃO, Ary Gonzalez. **Beowulf**. São Paulo: Hucitec, 1992.

HOURIHAN, Margery. **Deconstructing the hero: Literary theory and children’s literature**. London and New York: Routledge, 1997.

LEVIN, Christoffer. **The Hero’s Journey in JRR Tolkien’s The Hobbit, or, There and Back Again: Using Joseph Campbell’s Narrative Structure for an Analysis of Mythopoeic Fiction**. Student Thesis. University of Gävle, 2016. Disponível e: <http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A904103&dswid=7834> Acesso em: 09 de jul de 2017.

LUNDQVIST, Ann-Louise. **There and Back Again: the Hobbit Bilbo as a Hero**. Student Thesis. University of Gävle, 2007. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A4652&dswid=5397> Acesso em: 09 jul de 2017.

OLSEN, Corey. **Explorando o Universo do Hobbit: Todos os Significados da História de Bilbo, Elfos e a Terra Média**. Trad. Carlos Szalak. São Paulo: Lafonte, 2012.

TALIAFERRO, C; URBEN, C.L. A Glória de Bilbo Bolseiro. In: IRWIN, William; BASSHAM, Gregory; BRONSON, Eric (orgs.). **O Hobbit e a filosofia**. Rio de Janeiro, BestSeller, 2012, p. 69-81.

TOLKIEN, John R. R. **The Lord of the Rings**. Massachusetts: Houghton Mifflin Harcourt, 2005.

TOLKIEN, John R. R. **O Hobbit**. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.